

A

escola

na

pandemia

*9 visões sobre a crise do ensino
durante o coronavírus*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

A escola na pandemia [livro eletrônico] : 9 visões sobre a crise do ensino durante o coronavírus / Claudia Costin ... [et al.]. -- 1. ed. -- Porto Alegre:

Ed. do Autor, 2020.

PDF

Outros colaboradores.

ISBN 978-65-00-08120-6

1. Brasil - Educação 2. Coronavírus (COVID-19) - Educação 3. Pandemias I. Costin, Claudia. II. Borba, Gustavo Severo de.

20-42869

CDD-370.115

Índices para catálogo sistemático:

1. Coronavírus : COVID-19 : Coronavírus : Prevenção : Educação 370.115

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

ISBN: 978-65-00-08120-6

Autores

Claudia Costin é fundadora e diretora do FGV CEIPE- Centro de Excelência e Inovação em Políticas Educacionais, da Fundação Getulio Vargas, Rio de Janeiro. Até recentemente foi Professora visitante da Faculdade de Educação da Universidade de Harvard; É membro da Comissão Global sobre o Futuro do Trabalho da Organização Internacional do Trabalho (OIT), uma agência das Nações Unidas; Ex-Diretora Global de Educação do Banco Mundial; Ex-Secretária de Educação do município do Rio de Janeiro e ex-ministra da administração e reforma.

Caio Dib é designer de serviços digitais na Secretaria Municipal de Educação de São Paulo. Viajou o Brasil de ônibus para conhecer práticas educacionais inovadoras e é autor de 4 livros, entre eles Caindo no Brasil: uma viagem pela diversidade da educação e Guia de Sobrevivência da Educação Inovadora.

Felipe Dib é graduado em Relações Internacionais e fez uma pós em Ensino de inglês. Estudou Business em Oxford, Liderança na Georgetown e fez seu MBA pela Universidade da Califórnia. Em 2011 após sobreviver em um acidente de carro Dib criou o Você Aprende Agora, um curso de Inglês e Liderança que já lecionou 37 milhões de aulas para alunos em 181 países. Felipe foi eleito o jovem mais inspirador do Brasil pela Revista Veja, convidado pela ONU para colaborar com os Objetivos do Milênio e nomeado Embaixador Global da Juventude.

Gustavo Mini é professor da graduação de Comunicação Digital da Unisinos e Head de Estratégia da agência DZ Estúdio. Graduado em Relações Públicas e Mestre em Design.

Gustavo Severo de Borba é engenheiro, mestre e doutor em engenharia de produção e especialista em Design Estratégico. Atua como gestor no ensino superior desde 2003. Atualmente é Diretor do Instituto de Inovação na Educação da Unisinos.

Autores

Jorge Audy é superintendente de Inovação e Desenvolvimento da PUCRS. Professor e pesquisador da PUCRS, nas áreas de sistemas de informação e engenharia de software. Atua nas áreas de gestão de Ecossistemas de Inovação e Gestão de Ciência, Tecnologia e Inovação.

Marcos Piangers é pai da Anita, de 15 anos, e da Aurora, de oito anos. É jornalista com passagem pela Rede Globo e autor do best seller O Papai é Pop, com mais de 300 mil livros vendidos e lançados em Portugal, Espanha, Inglaterra e EUA. Se tornou uma das maiores referências sobre paternidade na internet e seus vídeos somados ultrapassam meio bilhão de views. Lançou, em 2019, A Escola do Futuro, com seu ídolo, o grande pai e professor Gustavo Borba.

Mônica Timm de Carvalho é mestra em Gestão Educacional, especialista em Gestão Empresarial e licenciada em Letras. Depois de quase duas décadas na direção do Colégio Israelita Brasileiro, onde liderou a construção de uma cidade-laboratório no pátio da escola, migrou para uma startup de educação - a Plataforma de Leitura Elefante Letrado -, na qual é diretora executiva e co-criadora de uma nova arquitetura pedagógica de apoio ao ensino da leitura. Em 2013, recebeu o prêmio Líderes & Vencedores, da Federasul e Assembleia Legislativa/RS, como Referência Educacional.

Paulo M. V. B. Barone é professor universitário na Universidade Federal de Juiz de Fora, atuando no ensino de graduação e pós-graduação, na pesquisa, na extensão e na gestão acadêmica. É um dos fundadores da Olimpíada Brasileira de Física e do Centro de Ciências da UFJF. Trabalhou no projeto do Parque Tecnológico de Juiz de Fora e Região. Integrou o Conselho Nacional de Educação por 12 anos e foi Secretário de Educação Superior no Ministério da Educação. Atualmente, é assessor parlamentar no Senado Federal, dedicando-se principalmente ao Desenvolvimento Regional, à Educação, e à Ciência, Tecnologia e Inovação.

Este projeto iniciou a partir de conversas que temos tido sobre os impactos da pandemia na educação em nosso país, em diferentes níveis. A partir da compreensão de que temos múltiplos olhares, como professoras e professores, gestoras e gestores, pais e mães, pesquisadoras e pesquisadores, buscamos desenvolver textos autorais, com nossas percepções sobre o que estamos vivendo e como as mudanças impostas pelo contexto devem impactar diferentes processos de pesquisa, ensino, interação, convívio e aprendizagem.

Se você é mãe ou pai, se atua na área de educação, ou se tem interesse neste tema, vai encontrar aqui textos que podem de alguma maneira despertar o debate e diálogo com suas ideias.

Este e-book inicia com o texto da Claudia Costin que apresenta uma visão sistêmica do contexto global da pandemia aprofundando questões relativas ao Brasil. Na sequência, apresentamos alguns textos relacionados a perspectiva das escolas, envolvendo o olhar de gestão, dos professores e dos pais. A Monica Timm descreve os desafios da gestão das escolas e da sala de aula no contexto da pandemia. O Caio Dib, apresenta sua percepção sobre este momento de pandemia a partir da interação com professores espalhados pelo nosso país. Seguimos com o Marcos Piangers, compartilhando sua experiência como pai e apresentando o sonho de escola que ele acha que devemos perseguir. O Gustavo Mini lança seu olhar sobre o contexto da família brasileira e como temos desafios para superar as desigualdades.

Na sequência temos um relato pessoal, do Felipe Dib contando a partir de sua história a importância do ensino e aprendizagem de idiomas.

Na parte final, temos 3 textos com foco em pesquisa e ensino superior. Eu descrevo algumas questões relacionadas a importância e papel do professor no processo de engajamento remoto. O Jorge Audy amplia o olhar para a necessidade de ciência e tecnologia para superarmos as crises e problemas impostos pelo Coronavírus. Fechamos esta obra com o texto de Paulo Barone, apresentando um olhar aberto e ampliado sobre as relações entre pesquisa e inovação, especialmente no contexto atual.

Nossa ideia é a partir destas reflexões convidarmos todos a um debate aberto e amplo sobre o tema educação.

Este material é gratuito e pode ser compartilhado com seu amigos.

Boa Leitura

Gustavo Severo de Borba

Textos

TEXTOS



Desafios
da **Educação**

no Brasil após a **COVID19**

claudia costin





Desafios da Educação no Brasil após a COVID19

O Brasil foi um dos signatários, em 2015, dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável-ODS, entre eles, o ODS 4, referente à Educação, que estabelece que, até 2030, iremos assegurar a todos Educação de qualidade e oportunidades de aprendizagem ao longo da vida. Infelizmente o país, apesar de importantes avanços em acesso à escola no período recente, ainda tem enormes desafios para oferecer um ensino com algum nível de excelência e convive com expressivas desigualdades educacionais, como mostram os resultados de 2018 do PISA, avaliação aplicada a jovens de 15 anos de 79 economias, organizada pela OCDE.

De fato, o Brasil vive uma crise de aprendizagem e, isso, num período em que vivemos a chamada 4ª Revolução Industrial, marcado por uma automação acelerada pelos avanços da Inteligência Artificial. Com isso, há uma crescente substituição de trabalho humano por máquinas, inclusive o que demanda competências intelectuais. Assim, o mundo do trabalho passou a exigir dos jovens não só habilidades básicas, mas competências mais sofisticadas, para poder garantir empregabilidade ou, alternativamente, empreendedorismo. Com isso, a Educação Básica no país vê-se desafiada a oferecer um ensino que desenvolva habilidades como a resolução colaborativa de problemas com criatividade, agilidade cultural, adaptabilidade, pensamento crítico e sistêmico e abertura ao novo.

Não nos ajuda, frente a estes desafios, o fato de que a profissão de professor tenha baixa atratividade, o que dificulta a retenção de talento na carreira, e que a formação docente no ensino superior se dê num processo de reduzido diálogo entre teoria e prática, como corretamente constatou o Conselho Nacional de Educação ao emitir, em dezembro de 2019, as novas Diretrizes de Formação e a nova Base Nacional Docente.

É neste contexto que chega a COVID-19 e, em pouco tempo, transforma-se numa pandemia e na maior crise sanitária de que o mundo já teve notícia. Cerca de 190 países tiveram escolas total ou parcialmente fechadas, num processo que atingiu cerca de 1,5 bilhão de alunos. O Brasil foi um deles e, desde meados de março, as crianças e adolescentes não vão às aulas. Neste

“há um grande risco de um aumento expressivo de desigualdades educacionais”

contexto, há um grande risco de um aumento expressivo de desigualdades educacionais e de agravamento geral da crise de aprendizagem.

Trabalho, a partir do Centro de Excelência e Inovação em Políticas Educacionais da FGV, com aconselhamento técnico para secretários estaduais e municipais de educação na construção de alguma forma de aprendizagem emergencial em casa para seus alunos. Afinal, são meses de aulas perdidas e precisamos mitigar os riscos presentes e, ao mesmo tempo, preparar a volta às aulas presenciais.

A maior parte das redes públicas usou alguma combinação de mídias para tentar assegurar que a aprendizagem chegasse a todos. Assim, foram utilizados aqui, como em boa parte dos outros países, plataformas digitais, televisão, rádio e roteiros de estudo em papel. Por meio de uma logística complexa, que envolveu inclusive o envio de cestas de víveres, para que a falta de merenda não resultasse em insegurança alimentar para parte das crianças e adolescentes, foram entregues materiais didáticos nas escolas ou nas residências, adquiridos pacotes de dados para celulares e construídas parcerias com canais de TV ou rádio.

Nas escolas particulares, a logística tampouco foi simples, afinal, nem todas tinham plataformas digitais e muitas contavam com alunos bolsistas que tinham dificuldades em acessar a Internet fora da escola. Além disso, a perda de renda por parte de muitas delas foi importante, colocando em risco a própria sobrevivência de unidades escolares.

Mas, mesmo com o fechamento de escolas, os avanços da educação em direção ao digital acabaram lentamente se construindo, pegando inicialmente os educadores de surpresa, já que não havia nem conectividade de qualidade para todos, nem cursos que os preparassem adequadamente para o uso educacional de ferramentas online. Com o tempo, ocorreu um processo de aprender fazendo, e mesmo na dor, desenvolvendo nos mestres algumas competências para um ensino que demanda não só conhecimentos sobre computadores e aplicativos, como trabalho colaborativo entre pares.

Houve também professores que se voluntariaram a dar aulas na TV ou no rádio. Talentos foram revelados, num processo de reinvenção profissional de muitos, mas foi, de fato, bastante desafiador para boa parte dos docentes e até para os pais, que se viram instados a atuar com mais intensidade na educação escolar de seus filhos.

Embora narrativas derrotistas associem o empenho dos docentes a uma prática ritualista, muito se fez e foi, para muitos deles, um exercício de adaptação ao uso de novas mídias e de redes-

coberta do prazer em superar obstáculos profissionais. Além disso, muitos pais passaram a valorizar o empenho dos professores de seus filhos, ao constatar como é desafiadora e complexa a profissão de professor.

A partir do que aprendemos em tempos de COVID-19, poderemos avançar, com apoio de tecnologia e de achados científicos, no desenvolvimento não só de competências básicas, mas também das competências do século 21 nos alunos e mestres, para nos assegurar que o país possa promover um desenvolvimento mais inclusivo.

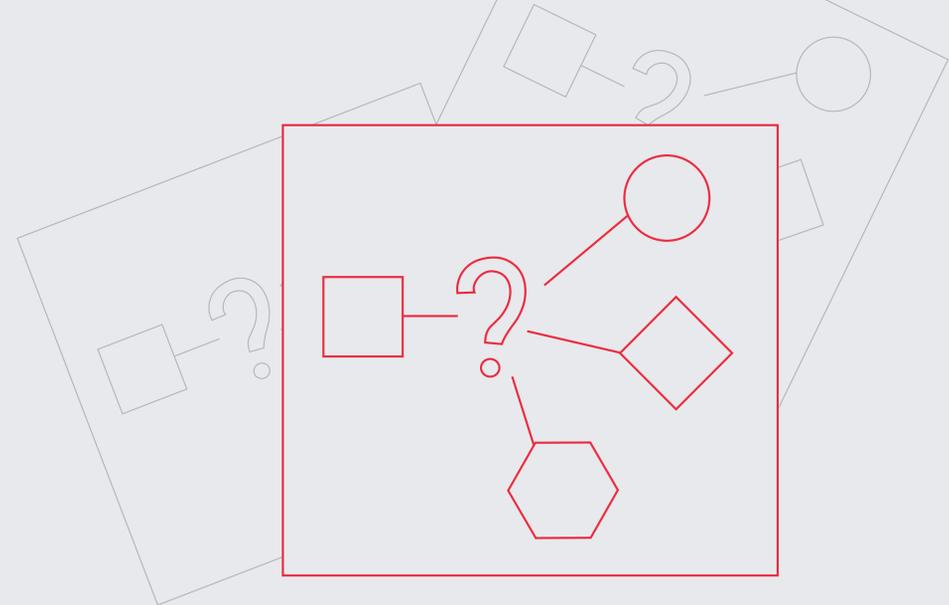
As soluções tecnológicas que, mais recentemente, foram desenvolvidas para a Educação não vão substituir os professores, segundo estudos prospectivos. Ao contrário, mesmo com a transição demográfica acelerada que vivemos, o que os especialistas têm mostrado é que há ainda escassez de docentes para realizar um trabalho consistente de preparação dos alunos para um mundo incerto e complexo.

Além disso, a tecnologia vem se mostrando útil aos docentes, possibilitando-lhes trabalhar com dados sobre o que aprende cada aluno, de forma a desenvolver estratégias mais efetivas de ensino. Neste sentido, o uso de plataformas adaptativas, que permitem identificar mais precisamente as insuficiências de aprendizagem de cada estudante e o seu direcionamento aos conteúdos que suprirão as lacunas identificadas, poderão ser particularmente importantes para apoiá-los.

Na volta às aulas, quando ocorrer, poderemos entender melhor o impacto da COVID-19 na educação. Para além dos sofrimentos causados a muitas famílias, na forma de perda de entes queridos e de fonte de renda, algumas lições aprendidas em educação ficarão. E elas não se referem apenas aos textos enviados para casa ou as aulas remotas assistidas. Elas dizem respeito à possibilidade de aprender para além dos muros da escola, de envolver as famílias, e de contar com o acesso à Internet de banda larga como um serviço público a ser universalizado - como passou a ser, em meados dos anos 1990, a telefonia.

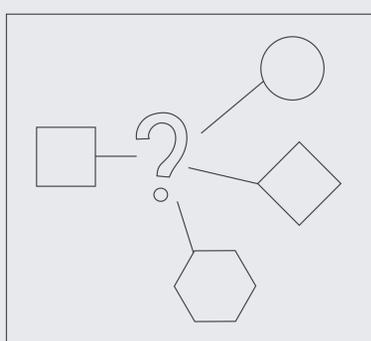
Mas se esta volta ocorrer como em países que já retomaram as aulas, com rodízio de alunos para reduzir o tamanho de turmas, teremos um ensino híbrido sendo esboçado, com grupos de estudantes tendo aulas presenciais, enquanto outros continuam em casa, com aprendizagem remota, para depois revezarem.

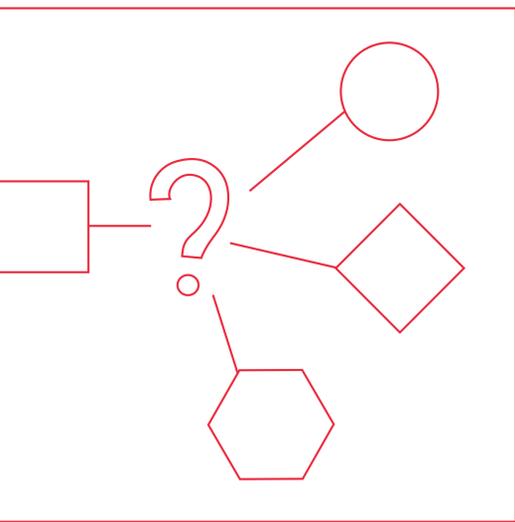
Com isso, as escolas terão que aprender a adotar estratégias como salas de aula invertidas e metodologias ativas no processo de ensino. Mas para que tudo isso funcione bem, além de alguns bons exemplos ocorridos durante a pandemia, teremos que investir de forma bem mais efetiva em atrair, formar e reter bons professores, e construir, a partir do que aprendemos na crise, uma nova escola que possa nos trazer um futuro menos desigual.



Desafios da gestão **educacional** no pós-pandemia

mônica timm de carvalho





Desafios da gestão educacional no pós-pandemia

De uma hora para a outra, gestores educacionais tiveram que replanejar rotinas, aulas e formas de relacionamento com a comunidade escolar, administrando remotamente a complexidade de suas instituições de ensino. Difícil encontrar ocasião em que tivemos que aprender tanto e em tão pouco tempo.

Na base de quase todas as aprendizagens que a COVID-19 nos impôs, aparece com protagonismo o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). Tema recorrente de palestras e foco de estudo nas formações docentes ao longo das últimas décadas, a adoção das TICs e das tecnologias educacionais delas decorrentes encontrou resistências de professores e gestores, tanto pelo fato de ser difícil a apropriação de tais recursos, quanto por ser oneroso para as escolas disponibilizar parques tecnológicos permanentemente atualizados. A pandemia, contudo, não deixou escolha: se práticas de ensino remoto não fossem implementadas como alternativa às aulas presenciais suspensas, a função social de escolas e das universidades deixaria de acontecer durante tempo indeterminado.

A necessidade de isolamento social, contudo, repercutiu de maneiras distintas nas redes pública e privada, acabando por sublinhar ainda mais as desigualdades sociais em nosso país. Milhões de estudantes não dispõem de acesso doméstico à internet. Entre os da rede pública, os que têm acesso geralmente o fazem por meio de celulares compartilhados com outros membros de suas famílias. Dispor de computador e internet para a realização de estudos é uma realidade para poucos estudantes brasileiros.

Na rede privada, a infraestrutura de acesso dos estudantes ao ensino remoto não foi propriamente uma barreira a vencer. Ao contrário: escolas com recursos tecnológicos deficitários puderam se beneficiar do acesso das famílias à internet e aos seus próprios computadores, retirando das instituições de ensino a responsabilidade por eventuais sobrecargas às suas frágeis redes de dados. Vencido o problema da distribuição das aulas remotas, as escolas privadas também se beneficiaram da existência de plataformas e aplicativos gratuitos. Isso acabou implicando certa

“igualdade de condições” na rede privada, e a diferenciação entre suas escolas, quando houve, se deveu exclusivamente à qualidade de professores e gestores educacionais que souberam ir além da simples digitalização da aula tradicional.

A verdade é que, à parte os enormes prejuízos que a pandemia vem trazendo a todos os países, ela também oferece oportunidades para que se mudem práticas que há muito precisam ser repensadas. O segmento da educação não foge à regra: os prejuízos decorrentes do novo Coronavírus são muitos e vêm na forma de menos aprendizagem dos estudantes, desorganização dos processos internos das instituições de ensino, inadimplência, evasão escolar e até mesmo fechamento de muitas escolas. No entanto, há também enormes possibilidades de qualificação das formas de ensinar e aprender - algumas já em processo - e se, em poucos meses, tivemos que aprender a reorganizar os tempos e espaços das escolas, não há por que deixar de apostar em seguir inovando no pós-pandemia.

“ Teremos - espera-se! - em breve a chance de ressignificar a presencialidade na sala de aula ”

Teremos - espera-se! - em breve a chance de ressignificar a presencialidade na sala de aula, que poderá ser um lugar privilegiado para a participação ativa de professores e alunos. É possível deixar a leitura de textos informativos e as listas de exercícios para fora do tempo da presencialidade

coletiva. Aprendemos a fazer isso nesses tempos de isolamento social. E mais: as tecnologias educacionais se mostraram eficientes para apoiar tarefas repetitivas dos professores, e esses podem se dedicar a questões que exigem mais análise e tomada de decisão. Deixemos, então, o tempo de encontro real entre professores e alunos para a problematização, o debate, a hipótese, a dúvida, a construção de protótipos e experiências. Que a presencialidade se ocupe das tarefas que só podem ser realizadas plenamente quando estamos juntos uns dos outros.

Poderemos conhecer mais sobre cada um de nossos alunos. Com isso, estabelecer diferentes trilhas de aprendizagem para atender às particularidades dos estudantes, para que todos aprendam. Aqueles que se lançaram às tecnologias para além das videoconferências puderam constatar a potência de algumas delas, e que somente com o apoio dessas ferramentas se pode efetivamente conhecer os percursos de aprendizagem de cada um dos 25, 50, 100 alunos ou mais. Assim, não há razão para que não se adote uma educação baseada em evidências, as quais são sistematicamente verificadas e analisadas, orientando o planejamento. Estamos de fato a um passo de utilizar as informações sobre a aprendizagem dos alunos, trazidas pelas tecnologias educacionais, para embasar a organização de nossas práticas pedagógicas.

Boas escolas serão mais facilmente reconhecidas no pós-pandemia, não mais pela estrutura física ou pelo parque tecnológico de que dispõem, mas pelo processo da ação direta dos

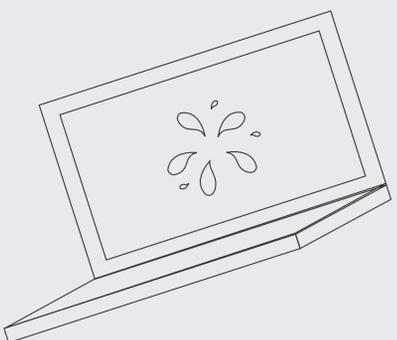
professores. Nesse sentido, dificilmente haverá retorno mais visível do que o investimento aplicado nos estudos dos professores e no planejamento coletivo da ação educativa. No caso da rede pública, que infelizmente não vem tendo a oportunidade de oferecer ensino remoto aos seus estudantes, que então não se perca a oportunidade de realizar formação docente a distância. Mesmo que não seja possível com todos, mesmo que por apenas um mês: que nunca mais nosso país, nossas escolas e os gestores educacionais percam a oportunidade de revolucionar a educação - e isso necessariamente começa com a formação de nossos professores.

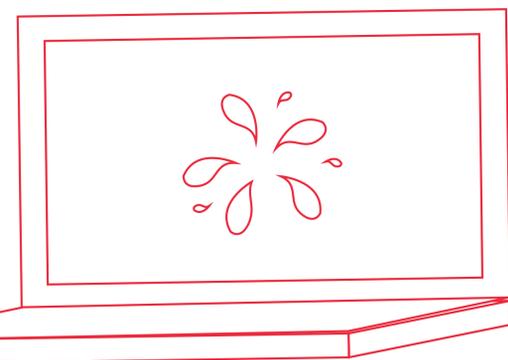


Aula **Online**

- e agora?

caio dib





Aula online - e agora?

“Dei 40 anos de aula e agora não sei como controlar minha turma durante a pandemia. Estou desesperada!”, ouvi de uma professora. Fiquei pensando sobre como eram suas aulas presenciais e quais foram os aspectos que a fizeram sentir uma perda de controle e o sentimento de impotência.

Essa cena também me fez ter mais certeza de que a pandemia não vai acelerar apenas o modelo de negócio de redes varejistas e bancos, mas também pode ser uma oportunidade para mudança de cultura na Educação Básica. Isso pode acontecer tanto no olhar técnico - a necessidade de melhoria da infraestrutura das escolas, da qualidade da internet e da formação para educação digital - quanto no olhar de mudança de cultura nas relações de aprendizagem.

Mudança de relações

Essa mudança de cultura já está acontecendo porque o modo como nos relacionamos com os outros e com os espaços mudou. Do presencial para o digital; dos vários espaços que frequentávamos por dia para uma sala dentro de casa. A potência da relação pessoal diminuiu para uma conexão nem sempre boa, na qual é fácil cortar a fala do colega por causa de um delay. Os respiros de pequenas caminhadas e paisagens diferentes deram lugar a uma realidade de poucos movimentos. Precisamos ressignificar tanto o que vivíamos no passado quanto o que estamos vivendo agora.

Ao mesmo tempo que as relações digitais podem trazer um prejuízo na interação social, também podemos buscar novas oportunidades. Como viajo o Brasil há anos para conhecer práticas educacionais inovadoras, tenho amigos em todos os cantos e consegui ter mais tempo de qualidade com eles, por exemplo. Os estudantes, por sua vez, encontraram nas salas de Discord (<https://discord.com/>) um caminho para fazerem provas em grupo e resolverem um problema que sempre assustou qualquer um que passou pela escola.

Mudança nos tempos

Além da mudança de “plataforma” nas relações sociais, o tempo também teve seu significado revisado. As aulas tradicionais de 50 minutos podem ser suportáveis na escola, mas se tornar um desafio no online. Afinal, os estudantes têm inúmeros estímulos ao seu redor que podem ser muito mais interessantes do que aquela videochamada.

Além disso - agora, olhando na perspectiva do professor - os 50 minutos se tornam facilmente 40 ou 35 no digital. Com exceção dos professores da primeira aula e da “aula depois do intervalo”, ao invés de entrar numa sala em que os estudantes já estão na inércia das aulas, a aula online tem aquele atraso por causa da conexão ou de distrações variadas. Além disso, o “posso ir ao banheiro” muitas vezes precisa ser substituído por um pequeno intervalo no meio do encontro.

Caminhos para criar experiências de aprendizagem

Existem vários caminhos para não precisar “controlar a turma” e garantir qualidade na aprendizagem e na felicidade de todos os envolvidos. Aqui, compartilho com você uma das possibilidades que tenho encontrado para momentos formativos online ou visto no trabalho de professores e professoras brilhantes e criativos que acompanho.

“ Os educadores são naturalmente criadores de experiências de aprendizagem e contadores de histórias ”

Os educadores são naturalmente criadores de experiências de aprendizagem e contadores de histórias, mas por algum motivo pouca gente se vê como tal. Entrar numa sala de aula e ensinar QUÍMICA para 40 jovens, fazendo com que eles vejam por que essa área do conhecimento é importante e encantadora e ajudando-os no processo de compreensão de um assunto tão complexo é uma qualidade extraordinária.

Por isso, acredito que a “mudança de cultura” na educação da pandemia (e pós-pandemia, porque muita coisa vai continuar diferente nos próximos anos) será muito uma ressignificação do papel do professor, tema amplamente discutido nos eventos e debates sobre educação e inovação. Para isso:

- **A chegada não conta mais com a inércia:** é muito importante pensar em pequenas dinâmicas que possam ser feitas online. Tive um professor de História que escrevia uma citação célebre logo no começo da aula. Era o momento em que todo mundo parava,

respirava e ia conferir a novidade.

Para essa dinâmica, sugiro que você pense sempre em alguma atividade que seja divertida e interessante, mas que também se relacione com o conteúdo daquele encontro. Como conectar uma pergunta provocadora no início da aula (que pode ser feita de maneira dinâmica e organizada pelo Mentimeter (<https://www.mentimeter.com>) às habilidades e competências ou ao conteúdo que vai compartilhar com a turma no dia? Nesse sentido, sugiro sempre ter um tempo dedicado para o que alguns chamam de debriefing, um momento para reflexão sobre como foi a dinâmica para cada participante e o que o grupo pode tirar de aprendizado do exercício.

Confira alguns sites com referências de dinâmicas. Lembre que você pode sempre adaptar os exercícios para sua realidade:

- [Toolbox HyperIsland](#)
- [Toolbox SessionLab](#)
- [Gamestorming](#)

• **Dinamismo e múltiplas estratégias:** • na sala de aula, mesmo a aula expositiva pode trazer elementos de dinamismo para os estudantes quando o(a) professor(a) se aproxima, fala mais alto ou faz algum movimento na frente da sala. No online, isso se torna mais difícil. Nesse novo ambiente, não é “pecado” fazer aulas expositivas, mas também é interessante intercalar partilha oral do conteúdo com momentos de debate e de atividades práticas. Para isso, é interessante pensar em momentos em que os estudantes façam exercícios individualmente ou em grupos (divididos em salas diferentes) e usem o grupo maior para aprofundamento do conteúdo e momentos de debate.

Conheça algumas ferramentas de criação coletiva que podem apoiar no dinamismo do aprendizado. Explore e aprenda a trabalhar com elas antes de testar com a turma:

- www.miro.com
- www.mural.co
- www.whimsical.com

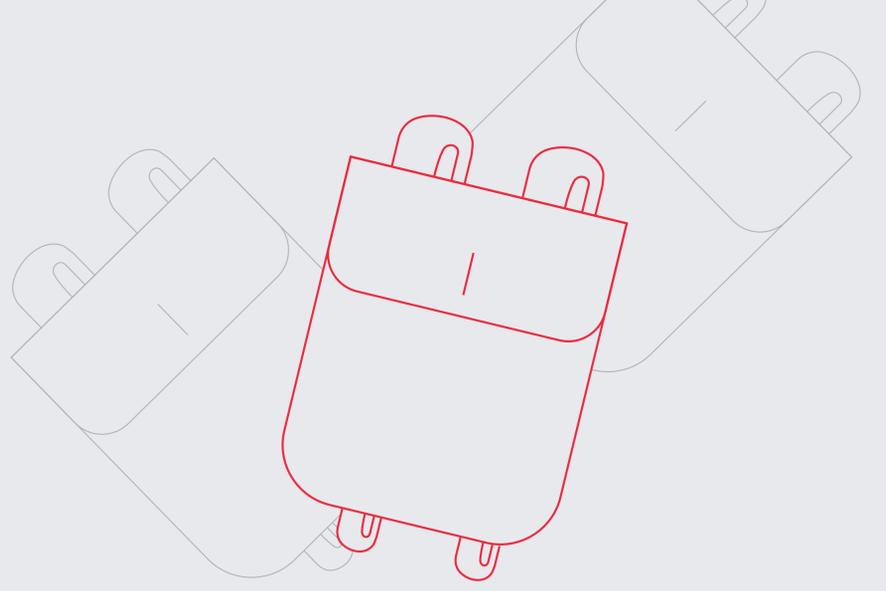
- **“Posso ir ao banheiro” digital:** fazer acordos coletivos pode ser um caminho para que os estudantes não percam partes importantes da aula porque foram ao banheiro ou buscaram alguma coisa na geladeira. Tente fazer acordos coletivos, com a participação da turma, para definir pontos relacionados a pontualidade, momento de intervalo e outras questões.

- **Você é MAIS UMA atividade que acontece na vida do estudante:** naquela mesma sala que ele convive com você digitalmente, também troca com outras pessoas, conversa com a família, se diverte e faz outras atividades durante o dia. Por isso, é importante dar destaque à partilha do seu planejamento como professor. O que aconteceu na aula passada? O que exatamente vai acontecer hoje e qual será a relação com o que veremos aula que vem? Garantir que a sequência dos aprendizados - e da história que você está contando sobre o assunto - seja clara para todos vai apoiar o engajamento da turma.

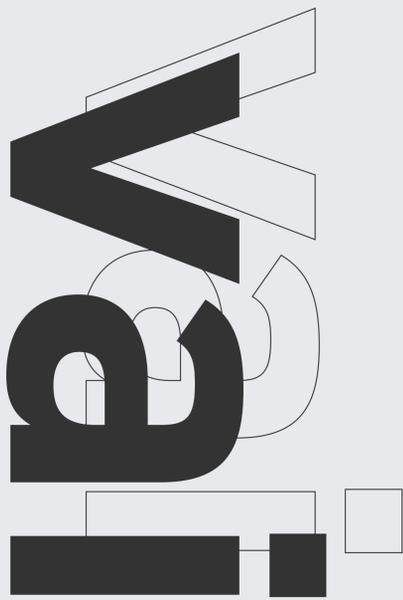
O que podemos tirar de tudo isso?

Muito do que estamos vivendo hoje pode se tornar padrão. Ainda não sabemos se as aulas online entrarão nesse pacote. Por isso, é importante não lidar com a pandemia como um momento atípico que logo não existirá mais.

Agora, é o momento de aproveitar essa oportunidade em que a sociedade está aceitando mais testes, erros e acertos para experimentar novas maneiras de ensinar e aprender. Boa sorte e conte comigo nessa jornada!

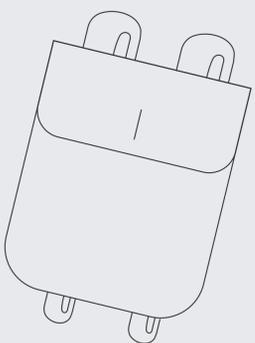


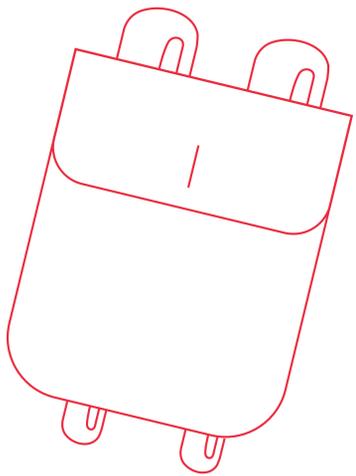
Anita



à escola

marcos piangers





Anita vai à escola

Minha filha devia ter uns oito anos quando me propôs uma ideia inovadora. “Eu não precisaria mais ir para a escola, pai”, ela me disse. “Eu ensinaria na internet algo que sei fazer, por exemplo, cookies. E alguém me ensinaria matemática, ou crochê”, continuou. Perguntei como seria o controle de tempo de aula, já que alguém poderia saber muitas coisas e ficaria apenas ensinando. “Estas pessoas seriam muito ricas, poderiam ficar ganhando dinheiros virtuais e trocar por roupas, comida,...”. Ela não conseguiu pensar em mais nada além de roupas e comida. Chegamos na creche, ela entrou, e eu fui trabalhar.

Não sei se o modelo proposto pela minha filha de oito anos funcionaria, visto que ela sabia APENAS fazer cookies. Não lembro se já sabia fritar ovos ou fazer deliciosas panquecas de doce de leite, como minha outra filha já sabe, com a mesma idade. Anita sabia colocar um DVD no aparelho e assistir Patati Patatá. Ela também sabia pesquisar no Google. Perguntei a ela a capital de algum país e ela foi para o computador pesquisar. Eu disse: “Não vale pesquisar no Google”, e ela respondeu: “Mas, pai, eu divido a minha inteligência com o Google!”. Dias depois, quando fui verificar o histórico de pesquisas da menina, encontrei um termo que me surpreendeu: “um mundo melhor”. Enfim, o que todas as crianças sempre estão procurando.

Nos sete anos que separaram minhas duas filhas tivemos pequenas revoluções digitais, de forma que minha segunda filha nunca viu um desktop, um DVD, um videocassete ou um disquete. Minha segunda filha mal viu um pendrive - quando ela nasceu, em 2012, tudo já estava indo pra “nuvem”, esse lugar onde hoje estão todas as nossas coisas importantes. A Aurora não assistia Patati Patatá - via Pocoyo no Netflix e achava que a televisão era touch screen. A primeira vez que uniu duas palavras e as verbalizou foi olhando para um smartphone: eu estava mostrando para minha esposa um vídeo em time lapse que tinha feito no celular e ela disse: “Que legal”, para nossa surpresa. Explodimos em comemorações idiotas no meio do restaurante.

Aurora e Anita assistiram Netflix mas nunca tiveram um tablet, nem videogames. Somos o que a maioria das pessoas chamaria de uma família low tech. Minha filha mais velha nunca ganhou um

celular (ela foi pedindo emprestado meu iphone 4 com tela quebrada e, quando percebi, aquele era o celular dela). Aqui em casa incentivamos a leitura de livros - a mais velha lê Jane Austen, a mais nova Diário de Um Banana - e procuramos atividades ao ar livre, como parques, passeios de bicicleta, caminhadas até o supermercado. Temos horário para que todas as telas sejam desligadas, oito da noite, e depois disso fazemos o que os muito antigos costumavam fazer: conversamos. Jogamos algo. Lemos juntos ou contamos histórias uns para os outros. No dia seguinte, acordam e vão para a escola à pé, perto de casa. Na escola almoçam comida orgânica, praticam meditação, circo, teatro, yoga, e brincam. Brincam e correm até que o dia escureça, e que imploramos para que voltem pra casa, novamente à pé. Como eu disse, uma família low tech.

Até que chegou a pandemia.

Minha filha mais velha acorda cedo e arruma o cabelo. Considera um desrespeito com os professores não ligar a câmera de seu computador. Mantém o microfone ligado, também, sempre disposta a participar das aulas - e já aconteceu de minha esposa entrar no quarto dizendo “Anita, que quarto fedido!” e a turma toda ouvir. Ela não reclama de não poder ver os amigos - diz que as conversas no SpatialChat, as discussões no Discord, os filmes no Netflix Party e os jogos online com os amigos dão conta do recado. Sempre que entro em seu quarto e ouço um pouco das aulas, fico impressionado com a sofisticação do conteúdo - confesso que esqueci tudo o que aprendi no ensino médio - e com o esforço dos professores em ensinar à distância. Minha filha diz que metade dos colegas entram na aula, dizem “oi” ao professor, desligam a câmera e voltam a dormir. Ela diz que sente que este será um ano perdido para boa parte da turma.

Minha filha mais nova, no terceiro ano, se esforça para aprender multiplicação e geografia com todos os colegas de oito anos falando ao mesmo tempo nas reuniões virtuais do Zoom. As aulas acabam de forma abrupta, aos 40 minutos do uso gratuito da ferramenta. Aurora, que nunca teve acesso a tanta tecnologia, acabou se tornando uma pequena gerente de TI: acorda cedo e depois do café da manhã começa a responder suas mensagens de Whatsapp; combina uma reunião de Zoom para adiantar uma lição de matemática; conecta quatro colegas, cada uma em um lugar diferente do mundo, e elas compartilham suas anotações em um Paint Brush do próprio Zoom; diz coisas como “clica ali em ‘compartilhar tela’” ou “Isabela, você é a anfitriã da reunião, deixa o Theo entrar”. Esses dias, Aurora me disse: “Pai, não aguento mais. Estou estressada”.

VOCÊ QUE AMA O PASSADO E QUE NÃO VÊ

Aurora está estressada, eu estou estressado, minha esposa está estressada, os professores estão estressados, os diretores e donos de escola estão estressados. Nosso sistema não estava preparado para a virtualização da educação e o que vemos é um burnout coletivo: pais reclamando da

qualidade do ensino e ameaçando cancelar a matrícula; alunos angustiados pela falta de contato humano; escolas inseguras financeiramente e professores sendo pressionados a se reinventar, virando youtubers da noite pro dia, quando não assumindo o injusto papel de negociadores entre escola e pais.

As aulas virtuais tem o pior de todos os mundos: os pais não conseguem trabalhar, os professores não conseguem ensinar, os alunos não conseguem aprender. Todos estão ansiosos, sem saber se estão perdendo agora mais um compromisso virtual, uma live da aula de artes ou uma tarefa que deveria ter sido entregue por e-mail. É uma opressão psíquica, o que o filósofo coreano Byung-Ghul Han chama de violência neuronal em *A Sociedade do Cansaço: a cultura da produtividade ilimitada e da auto-exploração*. Nossa fisiologia não parece preparada para tanto contato tecnológico. A máquina, sempre pontual, incansável e inflexível, é nosso colega de trabalho mais implacável. As ferramentas tecnológicas que estamos usando na educação são desumanas, não há olho no olho, nem toque, nem tempo suficiente para interações de qualidade.

Cabe ressaltar o abismo desigual entre ricos e pobres, esses últimos sem acesso nem mesmo aos meios tecnológicos improvisados de aprendizado à distância. Assim que a pandemia chegou, as discussões começaram a respeito do que valeria mais, perder vidas para o vírus ou para o desemprego. “Como será a recuperação econômica?”, perguntavam no noticiário, antes mesmo de a pandemia chegar no auge. “Será em V?”, perguntavam os investidores. “Será em L? Ou será em W?”. Aparentemente, a recuperação será em K: os mais ricos estão aumentando suas fortunas, os mais pobres estão perdendo suas vidas e empregos.

O que mais lamento neste momento que estamos vivendo - além da raiva que sinto do próprio vírus, da condução incompetente das autoridades, das mortes evitáveis, do desrespeito com a ciência e enfermeiras e professores, das notícias falsas e crenças absurdas, além das pessoas que usam máscaras no pescoço e não se importam com os outros - é a sensação de que perderemos uma oportunidade importante para discutirmos, e construirmos, melhores estilos de vida, relações com o trabalho e com o aprendizado.

“ E se pudéssemos, agora, discutir questões globais, já que vivemos um momento de crise pela primeira vez em um mundo conectado? ”

Nossa ânsia para que tudo volte ao normal, e a pressão econômica para retornar ao consumo, estão nos tirando a chance de imaginar. E se pudéssemos, agora, discutir questões globais, já que vivemos um momento de crise pela primeira vez em um mundo conectado? E se aproveitássemos esta chance para falar sobre o aquecimento global iminente, a impossibilidade de manter os níveis

atuais de agressão à natureza, a urgência para um fundo global de gestão de crises, a possibilidade de uma renda mínima universal, a necessidade de um sistema de ensino gratuito e de qualidade para todos, a existência desconfortável de milhões de trabalhos inúteis que são executados todos os dias e a realidade do burnout, estresse e depressão em nossos ambientes de trabalho. Fico em dúvida se nossa ânsia por voltar ao passado pré-COVID-19 não está nos tirando a chance de desenhar um futuro diferente.

O passado era um tempo em que uns poucos bilionários concentravam a riqueza de metade da população. Onde a empresa do homem mais rico do mundo não paga impostos. Onde, no Brasil, metade dos jovens e crianças vivem na pobreza. Onde a escola pública é sucateada, os professores ganham mal e as crianças odeiam as matérias. O passado era de uma escola que prepara crianças para passar no vestibular, para que possam aprender uma profissão, para que possam trabalhar por décadas com a mesma coisa, lidando com desgastes físicos e emocionais desta escolha. A previdência social está em crise e os direitos de aposentadoria diminuem em muitos países do mundo, fazendo desaparecer a segurança de uma velhice digna. O passado era um tempo em que os pais não tinham tempo de criarem os próprios filhos. Em que a educação se transformou em produto e o pai que está pagando é o cliente, que deve ser obedecido a todo custo. O passado era aquele tempo em que as crianças passavam mais tempo na frente de eletrônicos do que brincando ao ar livre.

Eu adoraria que estivéssemos agora discutindo o futuro. Poderíamos estar falando de um fundo mundial da economia do cuidado, focado em pré-distribuição de renda, o melhor investimento que pode ser feito na sociedade, segundo o economista James Heckman, ganhador do prêmio Nobel. Poderíamos estar imprimindo dinheiro, não para salvar empresas bilionárias, mas para reformular o sistema educacional. Nos Estados Unidos, apenas este ano, mais dinheiro foi dado para salvar uma única empresa aérea (Delta) do que para todo o sistema de cuidado com crianças. (<https://www.politico.com/news/magazine/2020/07/23/child-care-crisis-pandemic-economy-impact-women-380412>).

O passado era aquele tempo em que os ricos pagavam menos impostos que os pobres, que os legisladores criavam leis em benefício próprio, as crianças tinham perspectivas terríveis e os políticos mais poderosos chacoteavam jovens que iam para as ruas, marchar em protesto contra o aquecimento global e as injustiças sociais. Talvez, estejamos amando demais o passado e não conseguindo enxergar que o novo sempre vem.

UM FUTURO MUITO ANALÓGICO, UM FUTURO MUITO DIGITAL

Minhas filhas amam livros, mas odeiam apostilas. Fazem apenas os exercícios que a professora determina. Percebem os livros escolares como algo sagrado, não algo para ser explorado, investigado. Jamais as vi lendo as apostilas no tempo livre. A mais velha, quando não entende algo, pesquisa no Youtube. A funcionalidade que ela mais gosta ali é o “rewind”. “No Youtube, se eu não entendo algo, eu volto a aula. Na aula ao vivo não dá”, me disse a mais velha. Outra vantagem tecnológica: quando se interessa por algo, minha filha mergulha em uma trilha de aprendizado auto guiado, mesclando wikipedia, documentários e fóruns de discussão.

A mais nova odeia aulas no Zoom, mas combina com toda a turma de fazer chamadas em conferência pelo Whatsapp e todos se encontram no Minecraft, onde interagem. Brincam de corrida e de esconde-esconde, tudo dentro do universo virtual. Conversam sobre seus sonhos e sobre o que estão fazendo durante a quarentena. Disputam quem está mais adiantado no Duolingo, o aplicativo de aprendizado de idiomas. Estão marcando reuniões pelo Whatsapp para desenhar como será o prédio que irão construir depois que a pandemia acabar. “Iremos morar todos juntos, cada um vai ter um quarto personalizado”, Aurora me disse, mostrando o projeto desenhado no papel.

Acredito que a tecnologia é fantástica para conectar e tirar dúvidas. Acho que os aprendizados mais técnicos serão facilmente substituídos por jogos, por uma experiência gamificada e assíncrona de ensino. Percebo que o engajamento das minhas filhas aumenta quando estão utilizando ferramentas tecnológicas, mas não quando a ferramenta é passiva, como em uma aula pelo zoom em que elas apenas ficam ouvindo o professor falar. Se a pandemia não passar nunca, consigo imaginar uma escola virtual com professores inspiradores, sala de aula invertida, ambientes virtuais interativos, óculos de realidade virtual e crianças construindo uma realidade paralela, dentro dos seus quartos.

Sentirão necessidade de subir em uma árvore? Ou de um mergulho no mar? Desprezarão o mundo analógico, esquecendo dos livros, das bicicletas e da areia da praia? Acredito que não. Acredito que valorizarão ainda mais a presença e o toque. Considero minhas filhas felizes quando estão interagindo com amigos com ferramentas tecnológicas, mas nunca as vi mais alegres do que quando estão correndo em um parque ou na praia ou na escola. Antes de andar, a criança dança; antes de falar, ela canta; antes de escrever, ela desenha. A arte, o brincar e o interagir são chamas fortes dentro da fogueira humana.

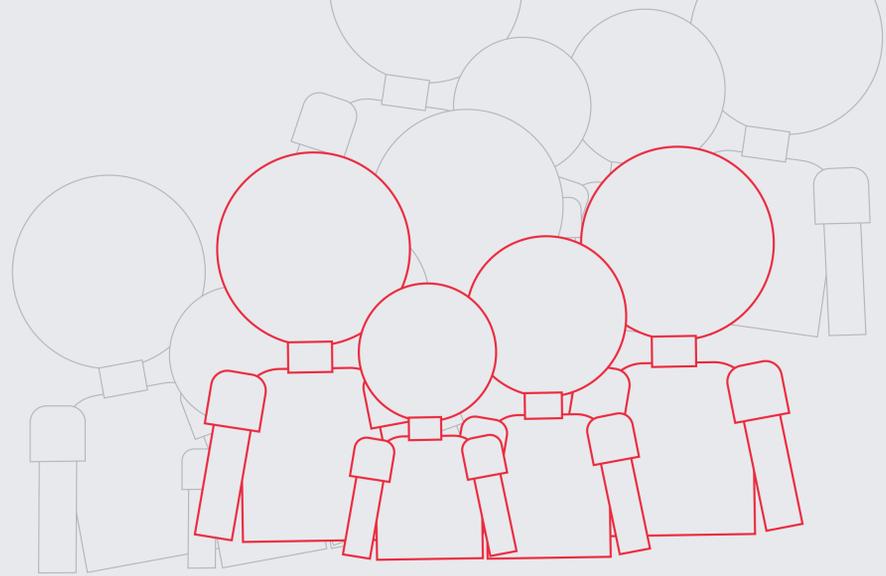
Sonho com a escola como um ponto de encontro onde imperam o contato com o outro e com a natureza. Uma escola que interage com a comunidade, que conduz as crianças ao voluntariado,

que ensina sustentabilidade, generosidade, equidade. Uma escola que é laboratório de experiência, de aprendizado pelo erro. Uma escola que considera o aprendizado técnico importante, mas menos importante do que todas as outras coisas mais importantes. Uma escola que ri de si mesma. Uma escola terapêutica, que cuida da saúde mental de pais e filhos e seja iluminação e conforto para as famílias. Uma escola para todos, ricos e pobres.

Esses dias, em uma semana de recesso escolar, pegamos o carro e fomos até a praia. As meninas correram na areia pela primeira vez, depois de meses fechadas em casa por conta da pandemia. Pularam ondas, cataram galhos para desenhar na areia. Usaram os gravetos como se fossem lápis, brincando de força e de fazer contas matemáticas. A pequena me ensinou a decompor os números para fazer multiplicação.

“Eu fazia de outro jeito”, contei pra ela.

“Pois é, agora é assim”, ela disse.

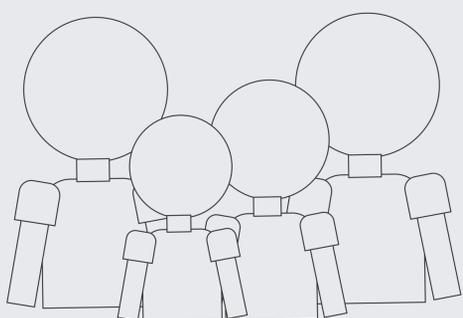


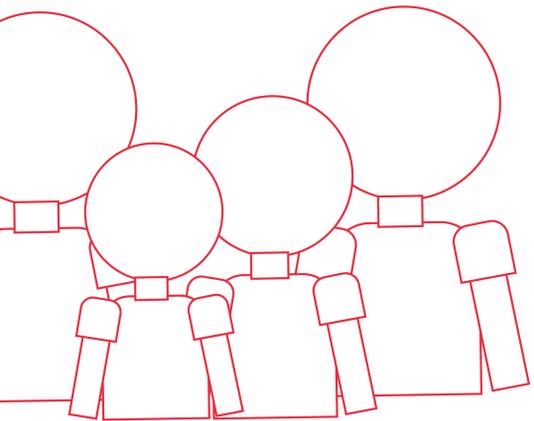
Sobre
não deixar

nenhuma

família para trás

gustavo mini





Sobre não deixar nenhuma família para trás

O impacto da pandemia sobre a vida das famílias com crianças e adolescentes em idade escolar é um fenômeno que ainda está por ser estudado em profundidade, o que deve acontecer ao longo dos próximos anos. Mas, de um ponto de vista mais imediato, as redes sociais, os grupos de WhatsApp e os veículos jornalísticos tem conseguido dar um bom panorama dos muitos desafios e de alguns ganhos. Com um mínimo de informação, empatia e consciência social, é possível partir de uma experiência pessoal e extrapolar para outros âmbitos no sentido de entender para onde vai ou para onde deveria ir a nossa educação.

Por exemplo, nossa família, formada por minha esposa, nosso filho de 8 anos, minha enteada de 19 anos e eu, faz parte do estrato social que poderíamos chamar de privilegiado. Apesar das dificuldades inerentes do momento, temos podido lançar mão de uma série de recursos para que o impacto da pandemia seja menor na educação de nosso filho e de minha enteada. O primeiro recurso (que inclusive vem sendo lembrado muitas vezes em reportagens sobre desigualdade social) é simplesmente ter uma conexão de internet. O segundo é ter um dispositivo para acessar as aulas e conteúdos on-line que vem sendo disponibilizados de forma estruturada porém emergencial por parte das escolas e universidades. Em noticiários e comentários pessoais nas redes sociais, parece que uma conexão e um dispositivo é tudo que se precisa para que o ritmo do ensino se mantenha minimamente, mas mais uma vez eu olho ao redor para nossos privilégios e me pergunto quantas outras famílias têm os outros recursos necessários para continuar o aprendizado em uma pandemia - que está sendo considerada laboratório para futuras inovações na área.

Além da conexão e do dispositivo, temos espaços adequados em casa para que todos possam trabalhar e estudar - se não da forma ideal, ao menos com relativo conforto. Temos também uma configuração familiar específica de idades que nos permite ajudarmos uns aos outros - minha enteada, já adulta, é parte importante desse esquema. Minha esposa e eu temos empregos que nos permitem trabalhar em casa, o que, apesar dos desafios do home office, nos permite também estar por perto quando necessário. Esses empregos, na área da comunicação, nos fazem mais

íntimos da tecnologia, o que facilita. A escola de nosso filho, na figura de seu corpo pedagógico e funcional, tem sido exemplar na busca por manter uma relação educacional completa na medida do possível, mesclando aulas síncronas, atividades assíncronas e alguns contatos sociais.

E se, mesmo com tudo isso, ainda vivemos todos aqueles problemas que são relatados nas redes, grupos de what's e reportagens, como estão os milhões de famílias brasileiras que, além de sofrer com a falta de conexão e dispositivo, ainda enfrentam problemas de moradia, desemprego, dificuldades na estrutura familiar, pouca intimidade com a tecnologia ou uma escola sem condições de prover soluções alternativas emergenciais?

“ não posso também deixar de pensar nos milhões de outras famílias e profissionais do ensino ”

Como pai e integrante de uma família que vive as dificuldades da educação na pandemia e que tem pensado muito no impacto do que estamos vivendo no futuro da educação do meu filho e da minha enteada, não posso também deixar de pensar nos milhões de outras famílias e profissionais do ensino que estão presos em uma teia de dificuldades sociais muito maiores e que os impedem de avançar na

educação. Pouquíssimas famílias estão conseguindo o mínimo que estamos conseguindo e as vitórias dessas pouquíssimas famílias não são nada para um país de 200 milhões de habitantes que tem problemas estruturais históricos na educação.

Se a atual pandemia está servindo de laboratório para a educação do futuro, que nossos olhos não se restrinjam ao que está sendo visto no microscópio. Pode ser que ali estejamos vendo resultados interessantes, mas é preciso levantar a cabeça e olhar ao redor. Espero que quem pesquisa, comenta, pauta e opera projetos e políticas de educação consiga enxergar também todas as pessoas, relações e condições que formam esse grande, complexo e humano laboratório.

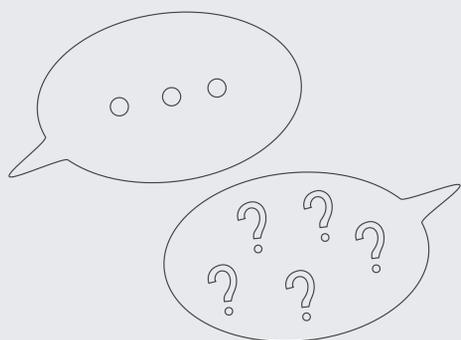


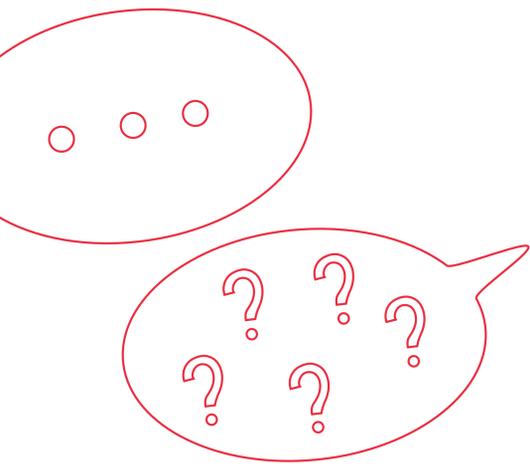
Idiomas

Online

Do you speak English?

felipe dib





Idiomas online: Do you speak English?

Hello, my friend! Estou aqui para falar do aprendizado de inglês, e se você tem dificuldade com o inglês, *we're together, my friend* (tamo junto, meu amigo!). Eu fui um aluno frustrado de inglês, reprovei o básico do curso que meus pais pagaram para mim. Graças a Deus eu consegui convencê-los a ir para a Nova Zelândia formar o Ensino Médio em uma escola pública. Nunca tinha publicado este vídeo, mas escolhi a Nova Zelândia por causa disso: <https://www.youtube.com/watch?v=CrXMseomuqM&feature=youtu.be>

Errei ao viajar para um país sem saber falar o básico de sua língua. E isso poderia ter me trazido grandes problemas, principalmente na hora de me comunicar.

E é por isso que eu escrevo este texto a você. Quero ver você *speaking English* e se comunicando melhor.

Depois de formar o Ensino Médio na Rangitoto College, em Auckland, pedi para a Sandra, uma gaúcha de Porto Alegre, para dividir o apartamento com ela e seus *flatmates* (companheiros de apartamento). Éramos Sandrinha, Fabão, Gersão, Jeff e eu. O sofá era minha cama, e eu amava. Ali estava eu, começando a trabalhar e comendo somente 2 *noodles* (miojos) por dia. Dei aulas de Capoeira na escola, cortei alguns jardins, lavei centenas de pratos com uma água quente que transbordava da pia mais rápido do que eu pensava (e eu tinha que enfiar a mão lá embaixo para tirar a tampa do ralo!). Fui para a obra varrer cimento e carregar entulho. Um dia eu estava enchendo uma caçamba e me veio a imagem de um churrasco na cabeça! Enfim, lá estava eu perseguindo o meu sonho de ser milionário. Tudo que eu pensava era *money, money, money* (\$).

Até que uma noite, entrando em um pub, meu celular toca. Na época era aquele celularzinho pequeno que a gente jogava cobrinha (não sei se é da sua época). Atendi e minha mãe perguntou se eu podia ir para uma *lan house* (já ouviu falar nisso???). Saí do bar e fui direto a uma daquelas salas cheias de computadores com fones grandes. Fizemos uma vídeo chamada pelo Skype e minha mãe falou: “Chega, filho. Vem embora pra casa. Seu pai está precisando de você”.

Um mês depois eu estava no centro-oeste brasileiro, mais precisamente em Campo Grande - MS. Comemos bife na chapa feito no fogão à lenha. Cheguei em casa! Obrigado, meu Deus!!!

Na segunda-feira fui até o curso que eu tinha reprovado e pedi, gentilmente, para falar com a Andrea, proprietária do curso. Ela me recebeu bem e antes que ela me convidasse a refazer o Book 1 (livro 1), lancei: “Eu gostaria de dar aula aqui”. Ela sorriu por fora e com certeza gargalhou por dentro. Mas com paciência me explicou que eu precisaria mostrar que eu estava preparado para lecionar. Me aplicou uma prova e semanas depois eu estava dando aula naquele curso.

Comecei a cursar Relações Internacionais e estagiar no Centro de Línguas da universidade. Meu chefe Ruberval Franco Maciel era um fenômeno, estudioso e com habilidade de fazer as coisas acontecerem. Uma das coisas que ele estava realizando naquele momento era uma pós-graduação em Ensino e Aprendizagem de Inglês. Ele me permitiu fazer essa pós e eu mergulhei no estudo de como as pessoas aprendem inglês. Aqui as perguntas que eu me fiz e que fui atrás das respostas:

- 1 Como faço para aprender mais rápido?
- 2 Qual a melhor forma de ensinar inglês para alguém que nunca viu isso na vida?
- 3 Qual a melhor sequência de conteúdo para que o aluno use o inglês na prática?

Eu tinha sido um desastre em aprender rápido (não aprendi em 15 anos de escola!), não tinha sido encantado por nenhum *Teacher* e, o mais importante, eu não queria ensinar nada que não fosse realmente útil ao meu aluno. Eu sabia que milhares de outros Felipes no mundo todo se sentiam mal, pensavam que não tinham capacidade, ficavam frustrados ao ver outras pessoas aprendendo...

Tudo ia muito bem, eu seguia trabalhando (querendo ficar milionário) e estudando bastante (querendo ser um professor melhor), até que em 2011 sofri um acidente grave de carro. Graças a Deus sobrevivi e para agradecer a Deus por estar vivo, comecei a postar vídeo-aulas de inglês no YouTube. História completa do acidente: <https://www.youtube.com/watch?v=LPSGduIWpMI&t=666s>

Esta história pessoal busca mostrar para vocês a importância de ressignificarmos as coisas e buscarmos em cada momento algo novo, que nos faça melhor para que possamos nos desenvolver e gerar algo de melhor para todos.

A pandemia é um momento complexo, que impõe várias limitações, mas de alguma forma nos dá

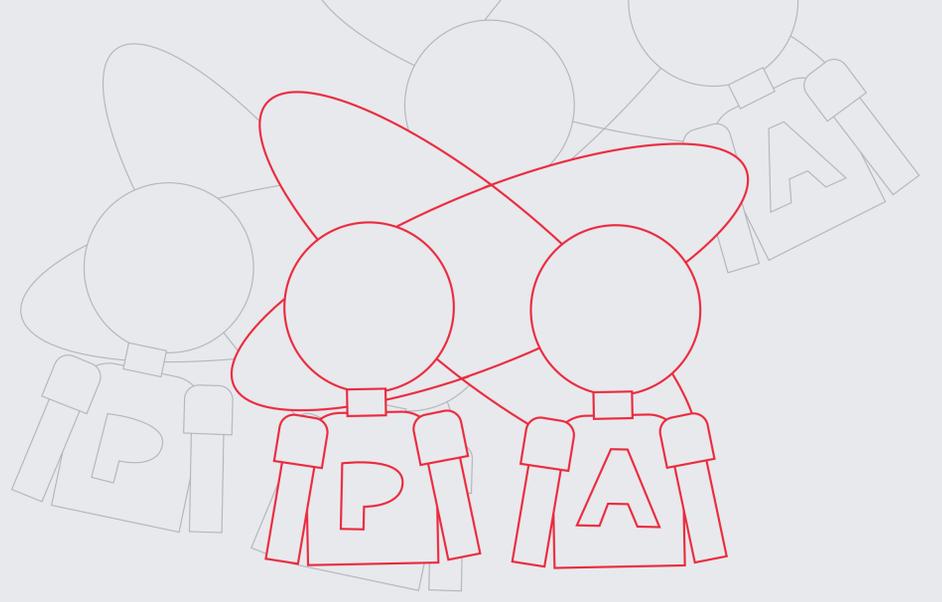
“ não precisamos ir e vir para vários locais, ganhamos TEMPO, o ativo mais precioso do planeta Terra ”

espaço para ressignificarmos nosso tempo: não precisamos ir e vir para vários locais, ganhamos TEMPO, o ativo mais precioso do planeta Terra. Por mais que as 24 horas do dia sejam iguais para todos nós, neste momento nós ganhamos 15 minutos na ida à padaria de carro, 15 minutos para chegar ao trabalho, 15 minutos para voltar pra casa...

O desafio é sair das redes sociais e usar nosso tempo de uma forma produtiva. Assim, eu deixo aqui um desafio para vocês. Como aprender algo novo como um idioma, online?

Um dos caminhos é o www.voceaprendeagora.com.

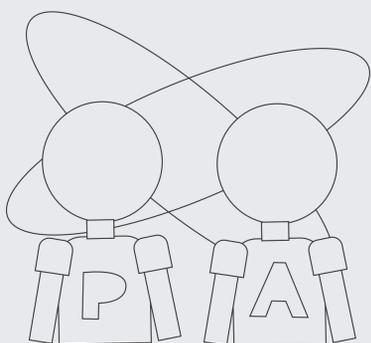
Quero ver você *speaking English* e sendo Líder por onde você for. Este momento é uma grande oportunidade para que isso aconteça ainda mais rápido! Um abraço e *see you next class*.

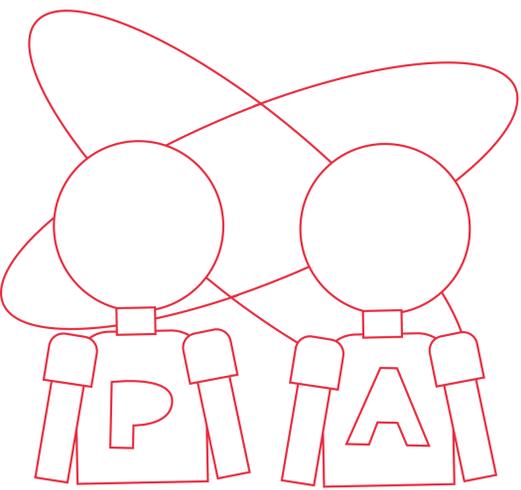


A
transformação
no
**ensino
superior**

**superior não está
na tecnologia,
está nos professores.**

gustavo severo de borba





A transformação no ensino superior não está na tecnologia, está nos professores.

O ano de 2020 trouxe desafios para o ensino superior brasileiro, que vão além do uso de tecnologias para facilitar o processo de ensino e aprendizagem.

Nos últimos anos, temos discutindo intensamente como inovar em um espaço que é tradicionalmente percebido como local de ensino onde um professor entrega conteúdo para muitos alunos, considerando todos iguais. A ideia de um ensino *broadcast*, permitiu ao longo do tempo ganhos em termos de padronização, mas por outro lado criou um sistema onde tratamos a média como parâmetro único, e entregamos o mesmo para diferentes alunos. Nesse contexto, as inovações têm sido percebidas de diferentes maneiras, buscando uma personalização do processo de aprendizagem, e novas formas de conexão com os alunos. Inovações tecnológicas – através de plataformas online; Inovações metodológicas – com o uso, por exemplo de metodologias ativas; Inovações curriculares – como a promoção da co-docência e de programas não disciplinares; Inovações de espaço – como a proposta de espaços flexíveis; são exemplos de mudanças identificadas em diferentes instituições de ensino superior, a partir de práticas e protótipos que promovem novos modelos. Embora estas possibilidades possam ser percebidas em algumas instituições de ensino, ainda temos como modelo principal em nosso país a ideia de ensino onde o professor é detentor do conhecimento e entrega (os alunos recebem e arquivam) o mesmo para os alunos. Este processo, conhecido como educação bancária, foi criticado por autores como Paulo Freire, e mais recentemente foi identificado pelo professor Fernando Becker como um modelo de auditório – uma palestra de um professor, para um grande número de alunos.

No contexto da pandemia, vimos tudo isso se misturar, e de uma hora para a outra, as instituições tiveram a necessidade de se reinventar, mas em um primeiro momento não com o objetivo de inovar, mas sim de se adaptar a uma nova realidade que tirou de pauta a possibilidade de aula presencial.

Na prática, essa mudança foi protagonizada por um único ator principal: o professor.

Foram os professores que tiveram que repensar seus planos de ensino, suas dinâmicas de aula, para um ambiente remoto. Na maioria dos casos, especialmente nas instituições privadas, o apoio para esta transformação foi, em um primeiro momento, focado nas tecnologias. Aprendemos a usar plataformas de web conferência, ferramentas de gravação de aulas, entre tantas outras. O trabalho se multiplicou, e o desafio de manter o aluno engajado em seu processo de aprendizagem, se tornou ainda mais intenso.

Após um semestre de construção de protótipos, adaptação de modelos, escuta de colegas, busca de benchmark nacional e internacional, e de pesquisas na universidade sobre práticas, pode-se perceber que não existe um padrão único que possa nos ajudar a projetar para a melhor experiência. Entretanto, podemos identificar algumas características que podem impactar positivamente este processo, ajudando professores na definição de espaços seguros e mais propensos ao desenvolvimento de novos conhecimentos e de aprendizagem. A seguir destaco algumas destas características:

Capacidade de compreensão do aluno para além de nossa aula: todos fomos afetados pela pandemia, estamos em casa, com atividades sobrepostas, com nossa família, e com tarefas que vão muito além do que fazíamos até o início de 2020. Nossos alunos também estão neste contexto, e muitas vezes focar na aula, e estar disponível no momento certo, é um grande desafio. Por conta disso, precisamos entender o aluno como uma pessoa integral. Ouvir os alunos para compreender o que sentem, suas dificuldades, suas necessidades, é algo fundamental. Atividades síncronas que consideram isso e abrem espaço de escuta, promovem engajamento e permitem a construção de empatia entre professores e alunos.

Flexibilidade e adaptação: assim como no ambiente presencial, o ambiente remoto também demanda flexibilidade de nós, professores. O que planejamos muitas vezes não pode ser executado por uma questão de tecnologia, de conexão de internet, ou mesmo por outras questões que envolvam nosso contexto e o contexto dos alunos. Compreender isso é fundamental e o planejamento deve ser percebido como um ponto de partida, mas não de chegada.

Escuta ativa e protagonismo do aluno: dar voz ao aluno, construir conhecimento coletivamente, chamar os alunos para conversas individuais e promover sua autonomia para aprendizagem são pontos importantes neste processo.

O poder da criatividade: a criatividade é uma das principais características da humanidade. É importante pensarmos em formas inovadoras de interação, reinventando os formatos de construção do conteúdo, e a partir disso, semanalmente, refletir e aprimorar nossas ações. A perspectiva de construir a aula considerando o ciclo de aprendizagem que vivemos como

professor é fundamental para que a semana que vem seja diferente da semana anterior.

Colaborar com outros professores: o ato de ensinar é muitas vezes um ato solitário. Precisamos aproveitar esse momento para desafiar essa realidade. Temos a oportunidade de trocar práticas, construir comunidades, dividir informações via plataformas digitais. Isso pode nos ajudar a aprender com o outro e ganhar tempo.

Comunicação: um dos pontos principais neste momento é como desenvolvemos canais de comunicação que permitam o aprendizado individual e coletivo. Precisamos criar espaço para conversas pontuais com os alunos e também para a construção coletiva em sala.

Tenho lido bastante sobre como será o ensino superior após esse período de pandemia, sobre as transformações positivas que tivemos e a forma como nossa sala de aula vai se transformar. Na realidade, este período está servindo para que os professores e as instituições de ensino superior (IES) ampliem as possibilidades de ferramentas e metodologias, para a promoção de processos de ensino e aprendizagem de maior impacto. Ter acesso a ferramentas colaborativas, abrir espaço para a discussão para além do dia da aula, construir espaços virtuais de conexão, tudo isso promove engajamento e empatia.

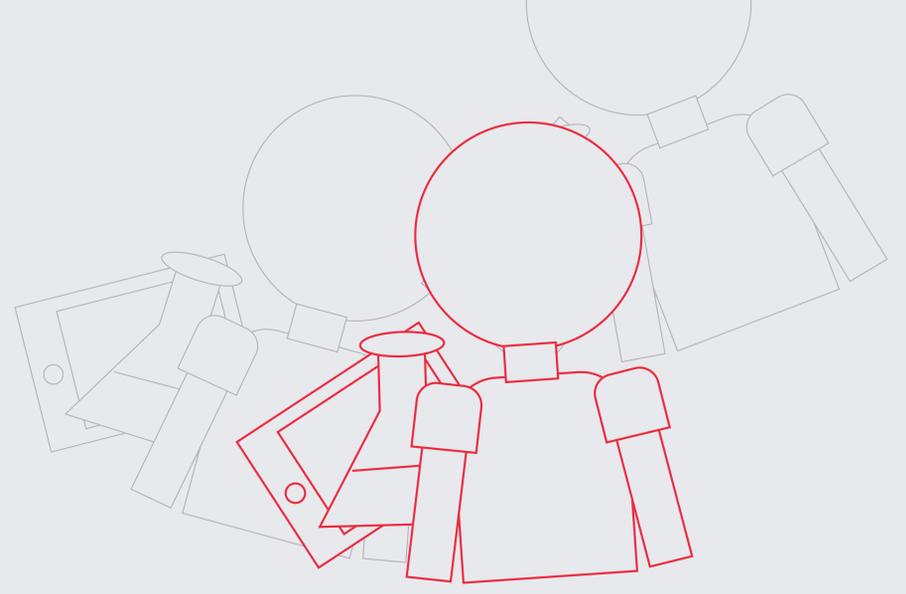
Embora essas ações em sala de aula, desenvolvidas pelos professores com apoio das instituições de ensino gerem um valor importante para o momento da pandemia, **precisamos olhar para o futuro conectando os ganhos possíveis a partir das novas tecnologias que aprendemos, com as possibilidades de inovação que estavam em pauta até o momento da pandemia.** Esse desafio é um dos caminhos para que possamos construir um ensino superior em nosso país que entregue empregabilidade, qualidade e que promova sempre o engajamento e protagonismo dos alunos em seu processo de aprendizagem.

“Somos seres sociais e aprendemos a partir das relações.”

A pandemia deixou ainda mais evidente que o fundamental para o processo de ensino e aprendizagem é a relação, a interface entre alunos e professores. Essa conexão, presencial ou remota, é a promotora de um processo efetivo de aprendizagem. Somos seres sociais e aprendemos a partir das relações. Construir espaço para isso é provavelmente um dos objetivos das instituições de ensino superior. O novo é desenvolvido a partir do diferente, do incômodo com a repetição, da necessidade de buscar alternativas.

As IES precisam avançar no desenvolvimento de experiências de aprendizagem que promovam a construção do conhecimento e inovação, e que também levem os alunos para além das salas de aula. Esse espaço, físico ou virtual, pode também ser percebido como um gargalo, um limitador. Ampliando o conceito de sala de aula contribuimos para um processo de ensino e aprendizagem orgânico, onde ferramentas digitais e analógicas convivem em harmonia e deixam de ter o protagonismo conceitual em termos de modalidade.

O objetivo final é um só, a educação.

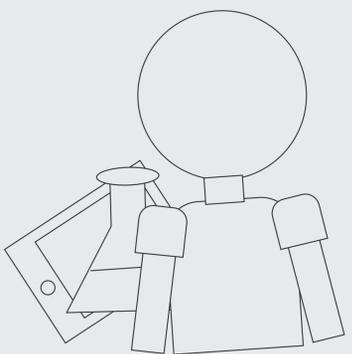


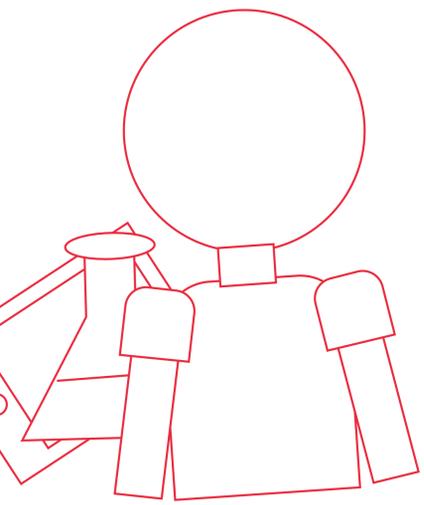
**A pesquisa,
a inovação
e nosso**

futuro

como sociedade

jorge audy





A Pesquisa, a Inovação e nosso futuro como Sociedade

A sociedade contemporânea, baseada no conhecimento, demanda novos conceitos relativos ao papel das universidades, das empresas e do governo no processo de desenvolvimento econômico e social. Em nenhum outro tempo na história da humanidade a Educação Superior foi tão importante para as sociedades, atuando como fator determinante do desenvolvimento econômico e social. Esta importância se mostrou muito clara a partir da revolução da tecnociência na segunda metade do século XX. Mas, neste momento específico em que vivemos esta crise sanitária global, gerada pelo novo Coronavírus, nunca se falou tanto em ciência, em pesquisa e em inovação no dia a dia. Nunca esperamos tanto em tão pouco tempo da ciência: a cura daqueles afetados pelo vírus e a prevenção pela vacina daqueles que não o contraíram.

O processo científico envolve um *pipeline*, um processo, um fluxo contínuo, que inicia na pesquisa básica, evolui para a pesquisa aplicada, possibilita em muitos casos o desenvolvimento de novas tecnologias que, quando aplicada na resolução de um problema do mundo real ou no atendimento de uma nova demanda da sociedade, se transforma em uma inovação. Cada elo desta corrente, da pesquisa básica à inovação, tem uma enorme importância e se alimenta sistemicamente dos demais elos. Ao chegar à sociedade, na forma de inovação, tem o potencial de transformar a realidade, para melhor.

A inovação envolve a efetiva aplicação de novas ideias, gerando valor agregado, solucionando um problema ou gerando uma oportunidade, em um determinado contexto. A inovação gera mudança, gera transformação no comportamento de agentes na sociedade, seja em grupos sociais, no mercado, no ambiente de trabalho, em qualquer área (indústria, saúde, educação, etc.). A inovação pode ser tecnológica, mas também pode ser social. A inovação tecnológica pode envolver o desenvolvimento de novos produtos ou processos, novos modelos de negócios ou a geração de novas empresas de base tecnológica (startups). Mas também pode ser social, envolvendo mudanças no estilo de vida da sociedade, na sua relação com o meio ambiente ou com a cultura. Neste sentido, não necessariamente envolve tecnologia, mas sempre envolve criatividade e coragem.

No caso da área da saúde chamamos de pesquisa translacional o processo que inicia na bancada (no laboratório) do pesquisador (muitas vezes ainda na forma de uma pesquisa básica) e percorre todo o ciclo do desenvolvimento científico, passando pela pesquisa aplicada, os testes e a validação do seu resultado no contexto em que se aplica. Termina por gerar uma nova tecnologia, aplicada na solução de algum problema, nas mais diversas áreas do conhecimento e nas mais diversas áreas de aplicação. No caso da área da saúde, ao final deste processo, tem o potencial de salvar vidas ou melhorar a qualidade de vida das pessoas, fruto de uma inovação na forma de um novo kit de diagnóstico, medicamento, tratamento terapêutico ou vacina.

Isto tem ocorrido desde o início da história do homem, nas mais diferentes áreas, do uso de ossos para se defender, do fogo para se aquecer e dos novos usos dos materiais para se abrigar. Ao longo dos séculos, a humanidade desenvolveu muitas novas tecnologias, algumas com impacto transformador na forma como vivemos e usamos os recursos naturais do planeta. Em alguns momentos, estas novas tecnologias foram radicalmente disruptivas, em momentos singulares da história, como a revolução industrial nos séculos XVIII e XIX e a revolução da tecnociência, com base na tecnologia da informação e comunicações no século XX.

Durante o século XX vimos emergir do processo de pesquisa, básica e aplicada, novas tecnologias como a energia nuclear e os computadores. No século XXI estamos acompanhando a emergência das pesquisas e o surgimento de novas tecnologias nas áreas da biologia e ciências da vida, da Inteligência Artificial e da Ciência de Dados.

A ciência é a principal referência que os países que melhor estão enfrentando a pandemia para a definição de suas estratégias de atuação, sempre baseadas em evidências científicas. Por outro lado, é na transição entre a pesquisa e a inovação que reside a esperança de desenvolvimento de uma vacina, que nos permita, como humanidade, voltarmos ao nosso convívio social e profissional.

Importante lembrarmos sempre que, como abordamos antes, quando falamos em pesquisa e inovação, não falamos somente das áreas ditas tecnológicas (como as engenharias e a computação) ou das áreas de ciências da vida (como a medicina ou biotecnologia). Devemos falar também das humanidades e ciências sociais aplicadas. Da pesquisa e da inovação nos diversos campos das humanidades e ciências sociais, como na filosofia, na ética, no serviço social, nos campos do direito, da economia e da comunicação.

Nas últimas décadas os problemas e desafios da sociedade foram se tornando cada vez mais complexos, exigindo abordagens científicas cada vez mais inter e transdisciplinares. Resolver problemas complexos, como a crise sanitária que vivemos, exige pesquisas que encontrem so-

luções que enderecem as múltiplas dimensões do problema: os impactos na saúde física e psicológica das pessoas, na economia, na gestão dos recursos de saúde pública, no mundo do trabalho, na vida em sociedade, etc.

Sem dúvida, problemas complexos, como o gerado pelo novo Coronavírus, levam a crises complexas, multidimensionais e globais. A busca de solução requer muito da ciência, da pesquisa e da inovação, em todas as dimensões da própria crise: nas áreas de saúde (como tratamento para a doença e desenvolvimento da vacina), nas humanidades (como nas questões das desigualdades sociais aceleradas pela crise, nas questões éticas envolvidas, nas questões da educação remota), na gestão dos recursos (como na cadeia de suprimentos de produtos como EPIs e respiradores, gestão de leitos e do sistema público de saúde) e no mundo do trabalho (como ações mitigatórias, programas de renda mínima, novo marco legal).

Vivemos um momento de forte aceleração de processos que já estavam em andamento há décadas, aflorando em países como o Brasil questões que temos pendente de resolução há muito tempo, como nos campos da educação, das desigualdades, da diversidade e da transformação digital das organizações. São oportunidades ricas para crescermos como nação.

Devemos alicerçar nossas ações nas áreas de educação e da ciência, investindo cada vez mais na pesquisa e na inovação como fatores fundamentais para superarmos nossos desafios. Somente assim teremos a perspectiva de superar os nossos históricos desafios, em especial na área social, ainda não resolvidos e os desafios atuais, que nos impõem uma resposta cada vez mais rápida.

Tudo o que temos visto e vivido nestes tempos complexos e desafiadores nos mostra cada vez mais a importância da ciência, da pesquisa e da inovação, como umas dimensões para enfrentar esta crise multidimensional. Outras dimensões, como nos mostram as pesquisas e as evidências que recebemos a todo momento, envolvem dimensões nos domínios da fé e da cultura, da transcendência e das humanidades.

“A busca de um mundo mais colaborativo e solidário”

A busca de um mundo mais colaborativo e solidário, tanto em nível local como global, para além do desenvolvimento econômico, para nosso contínuo desenvolvimento social, cultural e ambiental como sociedade.

Nosso futuro como sociedade depende cada vez mais de nossa capacidade de construirmos um novo humanismo, um humanismo como atitude, uma nova forma de estar no mundo, uma nova forma de cuidarmos uns dos outros, de nos relacionarmos. Uma nova forma de cuidarmos

do meio ambiente, de entendermos finalmente, que as tecnologias geradas pela pesquisa e aplicadas pela inovação, não são (ou não deveriam ser) nada além de ferramentas para construirmos uma vida melhor, para todos. Para criarmos JUNTOS um futuro que nos orgulhe como cidadãos de um mundo cada vez mais globalizado.

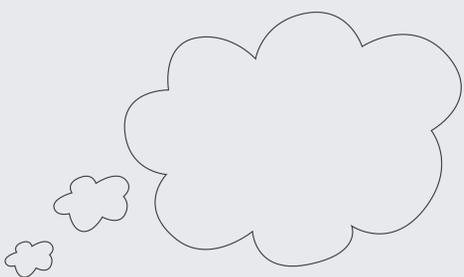


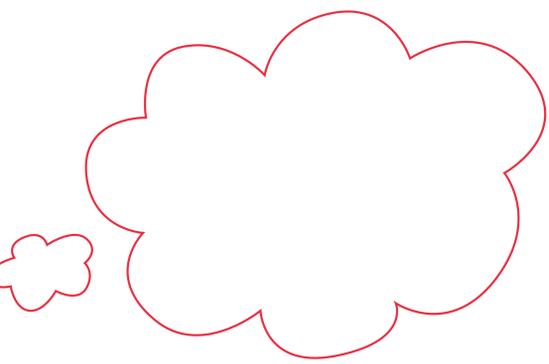
Três
questões
para

reperensar

o Brasil

paulo m. v. b. barone





Três questões para repensar o Brasil

É sempre difícil fazer previsões sobre o que o futuro nos reserva. Em grande parte, porque as ferramentas que usamos para isso são essencialmente visões sobre o passado. Diante da pandemia de COVID-19, a situação se torna ainda mais complexa, por ser inesperada. Não por envolver uma ameaça à saúde pública que em tese é previsível, mas pelos seus fatores intrínsecos, como o momento em que surgiu o patógeno, sua taxa de propagação, a velocidade da disseminação pelo globo, a inexistência de tratamento para o vírus, a mortalidade, as exigências dos sistemas de saúde. Não se trata de uma pandemia, mas dessa pandemia de COVID-19. Que deixou a opção de fortalecer a prevenção por meio da redução das interações sociais, o que gera uma drástica depressão das atividades econômicas.

Como responder aos desafios impostos por uma condição tão inesperada, que produz efeitos em prazos curtíssimos e muitos outros em médio e em longo prazos? Quais são as escalas do médio e do longo prazos? De outra forma, por quanto tempo durarão as restrições que vivemos pela exigência de redução de possibilidade de contágio? Haverá impactos muito duradouros ou até permanentes que deverão ser mitigados? Como será a nova condição de normalidade – o chamado “novo normal”?

De qualquer maneira, todos tivemos que responder a tais desafios em curto prazo. As respostas que encontramos nos obrigaram a reorganizar as nossas atividades em maior ou menor medida. Para isso, tivemos que explorar as possibilidades e entender os limites e as impossibilidades. Tudo isso desencadeia reflexões sobre a forma como fazemos as coisas, desde as mais prosaicas até as mais sofisticadas, e determina a revisão das nossas prioridades.

Como contribuição para essas reflexões, seguem alguns temas.

Primeiro, vale destacar a importância da Ciência e da Tecnologia e da Inovação (CT&I) para enfrentar a pandemia. As medidas de prevenção, a biologia do agente contaminante e da sua transmissão, os mecanismos de ação na invasão das células e nos danos provocados nos pacientes,

os protocolos de tratamento, tudo depende de conhecimentos prévios ou a serem desenvolvidos e da aplicação destes à produção de dispositivos, meios e métodos, necessários para atuar em diversas frentes para combater a emergência sanitária. Essa lista, é certo, é de fato muito maior, e inclui o teste de medicamentos antivirais e para tratamento da infecção, o desenvolvimento de testes, soros e vacinas, os equipamentos médicos para suporte à vida de pacientes, os equipamentos de proteção e sua segurança, os sistemas de vigilância, identificação e rastreamento de focos de propagação, mas é suficiente para demonstrar o argumento.

E também para justificar o crescimento da percepção social de CT&I como atividades indispensáveis para apoiar e orientar estrategicamente a sociedade e os governos diante de desafios tão abrangentes, que agora sabemos claramente que podem surgir. Além de vencer os desafios econômicos, o que pode fazer o país tornar-se relevante no contexto internacional.

O Brasil tem capacidade para utilizar a CT&I como atividades centrais para enfrentar a crise sanitária, para orientar a sociedade e a ação governamental, e para desenvolver o país na economia de inovações cada vez mais disruptivas. Isso se deve à base técnico-científica, distribuída pelo território nacional em Instituições de Educação Superior (IES), de Pesquisa Científica e de Desenvolvimento Tecnológico e à ampla e diversificada base industrial presente no país. Mas depende de infraestrutura, financiamento, formação de recursos humanos de alto nível, educação básica de qualidade, empreendedorismo, investimento e gestão estratégica pelo Estado e pelas organizações privadas e do terceiro setor que atuam na área, continuidade das ações, entre outros fatores.

Emerge também da crise uma nova fonte de oportunidades, que constitui o segundo tema a ser registrado aqui. A escassez de insumos, equipamentos e medicamentos, ao lado de restrições comerciais produzidas pelo atendimento às demandas de alguns países, estimula a revisão de alguns dogmas da produção industrial globalizada. É incerto o cenário do comércio internacional após a superação da pandemia, mas algumas forças podem contribuir para reorganizar as cadeias produtivas globais. Entre essas estão não apenas os fatores estratégicos, como o domínio tecnológico e a autossuficiência produtiva em certas áreas, mas também a elevação de custos, que pode ser duradoura, determinando vantagens para distribuir a produção industrial, hoje extremamente concentrada, especialmente na China.

Países como o Brasil, cuja base industrial implantada é relevante, precisam assumir papéis produtivos diferenciados, deixando de limitar-se à condição periférica hoje prevalente, passando a ocupar uma nova posição na geopolítica da economia mundial. Para isso, são essenciais as contribuições das áreas de Educação e de CT&I, assim como as mudanças na política industrial e o aumento da competitividade do país no cenário internacional. Assim como a plena utilização

das vantagens comparativas do país, como as que são proporcionadas pela biodiversidade. Fatores que limitam a competitividade são bem conhecidos, como a qualidade da Educação e o ambiente de negócios. O impulso legislativo frente à pandemia tem potencial para produzir transformações com impacto nesses fatores, como mostra o debate sobre o financiamento à Educação no Congresso Nacional.

Da Educação vem o terceiro tema. A interrupção das atividades presenciais em Escolas e Instituições de Educação Superior nesse ano de 2020 determinou a completa e imediata reorganização das atividades escolares e acadêmicas. O sucesso dos modelos adotados é variado e ainda incerto. Mas as evidentes assimetrias (1) de capacidades tecnológica e metodológica, assim como dos professores e demais profissionais da Educação, em instituições e sistemas de ensino, e (2) de condições de acesso e de letramento tecnológico, em estudantes de diferentes faixas etárias e sociais, constituem a questão mais relevante a considerar. Distintas estratégias e abordagens têm sido utilizadas, mas de modo geral a área ainda não opera de forma satisfatória.

Isso não significa que não haja experiências bem sucedidas, ou que o uso de meios tecnológicos seja um problema em si. Ao contrário, todas as experiências fornecem indicações sobre os processos que devem ser estendidos ou não a outros ambientes institucionais. E o uso de meios tecnológicos quebrou tabus e reduziu preconceitos quanto à sua capacidade para permitir o desenvolvimento de atividades como aquelas que envolvem o compartilhamento de conteúdo, as interações educacionais e sociais *on-line* e *off-line* que são usuais do mundo digital e até avaliações de aprendizagem. Assim como fez crescer o uso de metodologias que exigem comportamento ativo dos estudantes no processo de aprendizagem.

Mais do que isso, no entanto, as lições que devem ser aprendidas com as experiências remotas dizem respeito a mudanças já há muito gestadas na organização e na dinâmica das atividades educacionais e à exploração mais ampla das possibilidades que a disponibilidade de meios tecnológicos cada vez mais sofisticados oferece à Educação em todos os níveis. E ainda, sendo essa uma atividade dirigida aos estudantes ou, de outra forma, ao futuro, dizem respeito à incorporação, ao mundo da Educação, das formas de organização do mundo que já vivemos no presente.

Limitações diversas às atividades educacionais remotas são significativas. A exigência de maturidade cognitiva ou de grau de autonomia para o desenvolvimento de determinadas atividades dificulta a sua adoção para os estudantes muito novos. Atividades de natureza prática têm em muitos casos natureza presencial. E as interações sociais do mundo digital são eficazes em muitos contextos, mas com frequência precisam ser complementadas pelo contato direto entre estudantes, entre profissionais da Educação e entre um grupo e o outro.

Mas é significativo que, em função da reorganização de atividades profissionais, com a adoção do trabalho remoto e dos meios digitais de oferta de serviços e sistemas, as próprias atividades práticas possam assumir, em determinadas situações, o formato remoto. Estágios e outras atividades de preparação profissional são desenvolvidos remotamente, a exemplo das atividades reais. E também é significativo que a experimentação pedagógica e o desenvolvimento tecnológico continuem produzindo inovações educacionais eficazes para diferentes públicos estudantis. Por outro lado, há muitas atividades formativas de natureza coletiva que requerem interação direta entre estudantes e entre estes e seus professores.

As lacunas de natureza emocional nos estudantes - como de resto, na população como um todo - que têm sido apontadas como consequência da falta do convívio muito próximo que é proporcionado pelas instituições educacionais, constituem também óbices ao desenvolvimento dos processos formativos. Mesmo, portanto, que parte das atividades das instituições educacionais possa ser mantida no modo remoto, o espaço para socialização no ambiente educacional permanece relevante.

No campo da relação entre a Educação e o mundo do trabalho, cabe apontar o questionamento cada vez mais presente do papel da formação educacional formal no desenvolvimento da capacidade de inserção profissional dos jovens. A tensão entre extremos, tendo numa ponta o academicismo excessivo das instituições educacionais, que se distanciam da realidade do mundo da produção e das dificuldades sociais, e na outra, o imediatismo e a superficialidade na compreensão das razões para o sucesso na vida profissional, alimenta continuamente o debate sobre o tema. Trata-se de tensão a ser superada por meio da cooperação entre Educação e trabalho.

Mas novos ingredientes são acrescentados ao debate com a redução das exigências formais para o exercício profissional em face da competência efetivamente demonstrada, notadamente em setores muito dinâmicos da economia. Há uma parte disso que diz respeito à piora da qualidade das posições de trabalho oferecidas, mas não é esse o foco aqui.

“ O foco é a reafirmação do lugar da Educação formal como instrumento para a formação capaz de desenvolver os potenciais de cada estudante e de prepará-lo para a vida em sociedade ”

O foco é a reafirmação do lugar da Educação formal como instrumento para a formação capaz de desenvolver os potenciais de cada estudante e de prepará-lo para a vida em sociedade, com destaque para o trabalho. Para isso, é preciso compreender a Educação Básica como atividade capaz de prover o

domínio das linguagens em que o mundo se escreve e implementar esse projeto na Escola por meio de modelos em que esta colabora com a inserção profissional, e não compete contra ela. E é indispensável aproximar a Educação da vida real, desde os elementos com os quais são criadas as oportunidades de aprendizagem até a interação com os ambientes profissionais como instrumento de formação.

Diante do cenário da pandemia, é inevitável que o impulso para a revisão das prioridades torne essas questões mais agudas e mais urgentes. A ponderação entre os sentidos das escolhas para a trajetória educacional e o seu efeito prático passa a ser mais importante que a simples adesão à oferta convencional de cursos, particularmente na Educação Superior. Isso exige uma resposta das IES que não pode esperar mais. Nota-se, também aqui, que já havia sinais disso no horizonte e no cotidiano educacionais, mas a capacidade de percebê-los e a disposição para decifrá-los têm sido limitadas. A mensagem que esses sinais trazem é de que as IES devem se transformar mais profundamente e mais rapidamente. As consequências da crise sanitária sobre os modelos de atuação e funcionamento da Educação Superior deverão ser muito drásticas. Mais do que em outros momentos, a linha divisória entre sobrevivência e obsolescência se torna nítida. E a velocidade com que os cenários são alterados reduz o tempo disponível para responder a estes.

Tempos de rápidas mudanças são assim. Dificultam a distinção entre o que é tendência e o que é oscilação. Qualquer reação eficaz a uma condição que abala tão profundamente as formas com que fazemos as coisas exige o balanço entre os aspectos mais fundamentais, que mudam mais lentamente, e aqueles que podem ser passageiros. São tempos em que a capacidade para agir deve se apoiar na segurança do que ainda permanece válido com a disposição para correr o risco de desvendar as incertezas do que vem à frente. Com discernimento para distinguir uma da outra.

